

## **FORMAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA DE PROFESSORES: PERCURSOS SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA**

Juliana Nogueira Ferreira da Silveira <sup>1</sup>

Elizangela Abreu da Silva <sup>2</sup>

### **RESUMO**

Esta pesquisa trata da relação da formação teórica e prática dos professores em suas vivências em Escolas Municipais de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para chegar ao objetivo pretendido, foi utilizada uma abordagem qualitativa a fim de descrever a inclusão e seus percursos, o contexto histórico da inclusão no Brasil e os processos da formação do professor, frente as reflexões referentes aos contextos enfrentados nas escolas para uma educação para todos. Foram utilizadas obras de diversos autores, entre eles Pimenta (1999), Novoa (1992), Freire (1996), Mantoan (2004), Rosseto (2005), Cunha (2014), a fim de dar embasamento teórico a este trabalho. A pesquisa de campo foi realizada com professoras da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, localizadas no município de Fortaleza (CE). Nela, foi utilizada a coleta de dados mediante um questionário com perguntas semiestruturadas, que teve a participação voluntária de oito professores, sendo seis da Educação Infantil e duas do Ensino Fundamental. Percebe-se, após análise dos dados coletados, que para a inclusão e os percursos da educação no ambiente escolar, é necessário a capacitação dos docentes e demais profissionais da escola, assim como uma visão do aluno prezando suas particularidades. Percebemos a importância da formação continuada do professor, prezando não somente os aspectos qualitativos, mas também a intencionalidade do educador em uma formação mais humanista, como um olhar inclusivo.

**Palavras-chave:** TEA; inclusão; relação teoria e prática; formação continuada.

### **INTRODUÇÃO**

Quando abordamos a formação teórica e prática do professor na educação inclusiva, refletimos sobre suas capacidades e habilidades no processo de conduzir e mediar as situações de aprendizagem de uma forma significativa para o desenvolvimento da criança, sendo esse um dos grandes desafios da atualidade.

A escolha dessa temática se deu após ingressarmos na educação pública e perceber a necessidade constante de reavaliar métodos e formação. Assim, a relevância deste trabalho está

---

<sup>1</sup> Especialista em Educação Inclusiva da Universidade Estadual do Ceará (UECE) [juliana.nogueira.f.s@gmail.com](mailto:juliana.nogueira.f.s@gmail.com);

<sup>2</sup> Especialista em Neuropsicopedagogia da UniAteneu-CE, [elizangelaabreudasilvaabreu@gmail.com](mailto:elizangelaabreudasilvaabreu@gmail.com);



em estabelecer relações entre os profissionais atuantes na área e seus relatos sobre o processo de ensino.

Tendo como objetivo geral investigar os saberes e práticas de professores sobre a inclusão de estudantes com deficiência, e como objetivos específicos: (I) identificar o que os professores sabem sobre a inclusão destas crianças; (II) compreender as estratégias utilizadas para o desenvolvimento integral dos estudantes público da pesquisa e (III) averiguar como os professores estão dando continuidade à formação e a necessidade dessa formação continuada.

Para falarmos sobre esse tema, é importante observar que quando discutimos a relação da formação de professores, chegamos a vários questionamentos, tais como: quais nuances devemos observar na relação teoria e prática? Qual a importância da didática na prática docente? Qual a relevância da formação docente no trabalho com crianças autistas?

Após a análise dos resultados e uma leitura reflexiva, podemos ressaltar a importância de atividades não só lúdicas, mas que também explorem a perspectiva do protagonismo dos alunos e suas habilidades individuais, incentivando suas potencialidades, sem esquecer de fazer uma relação com o ambiente em que está inserida, como os contextos coletivos para que o aluno não somente seja incluído, mas que seja um processo que estimule a concepção de equidade por toda a comunidade escolar.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa é do tipo exploratório-descritiva, considerando as situações apresentadas na relação entre educador, sua vivência e sua didática, sendo centrada na educação inclusiva. Sua abordagem é qualitativa, por não se preocupar com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo. Conforme Marconi e Lakatos (1991), esse tipo de pesquisa mostra a realidade dos fatos a partir da observação, a coleta de dados é realizada diretamente no ambiente em que os fatos acontecem, para que assim possamos fazer uma análise dos fatos coletados de forma analítica. Os dados foram coletados por meio da resposta em questionário por oito professores que atuam em escolas da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, destes, seis são da Educação Infantil, e duas do Fundamental, todas localizadas em Fortaleza (CE).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Ao abordarmos sobre a formação de Professores, percebemos que existem muitas



discussões acerca do assunto, pois a busca por uma formação que consiga formar docentes críticos e reflexivos ainda é desafiadora.

Freire (1996) já considerava que a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência ao educador para haver o estabelecimento da práxis pedagógica. Para ele, sem essa ação reflexiva, “a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. Quando nos referimos a educação inclusiva, essas perspectivas se acentuam para o professor, pois existe a necessidade de refletir essa prática em aspectos que não busquem uma formação homogênea de seus alunos, mas que possibilite uma formação integral para todos.

Diante disso, surgem constantes inquietações acerca do processo de formação docente e da autonomia dos professores na prática. Para Novoa (1992, p.18): “mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores é o momento-chave da socialização e da configuração profissional”. Ou seja, é diante de inquietações e conflitos que se constrói a identidade profissional do professor e não apenas numa formação acadêmica, mas em todas as vivências do professor até o início da prática educativa.

Pimenta (1999), ao tratar da formação do professor, traz justamente essas influências de docentes que marcaram e contribuíram para sua escolha profissional. Essas experiências, resultantes do convívio com diferentes professores por sua vida escolar, demonstram como a prática docente possibilita o julgamento dos professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, e quais foram significativos em suas vidas e colaboraram para sua formação humana.

Ao tratarmos da formação do professor que leciona com alunos na perspectiva da educação inclusiva, podemos constatar que, com o crescimento dessa perspectiva de educação, necessitou-se da criação de referências que norteiam a prática docente. Os documentos frequentemente orientam as escolas acerca da acessibilidade de forma pedagógica para atender às necessidades individuais dos/as alunos/as, garantindo que todos tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial acadêmico e desenvolvimento pessoal.

É importante pensar a Educação Inclusiva a partir do conceito de equidade, de modo a transformar a sociedade, com um impacto na escola a partir de um olhar direcionado àquele aluno e seus potenciais específicos. Para tratarmos sobre o conceito de inclusão em si, segundo Rossetto (2005, p 42).

A inclusão é um programa a ser instalado no estabelecimento de ensino a longo prazo. Não corresponde a simples transferência de alunos de uma escola especial para uma escola regular, de um professor especializado para um professor de ensino regular. O programa de inclusão impulsiona a escola para uma reorganização. A escola necessita ser diversificada o suficiente para poder maximizar as oportunidades de aprendizagem



dos alunos com necessidades educativas especiais.

Na citação acima, podemos observar que as maneiras como essa reorganização acontece em âmbito escolar devem ser observadas e analisadas, trazendo, assim, uma reflexão: a inclusão tem acontecido de fato nos ambientes escolares?

Essa formação precisa também ser direcionada para as especificidades de cada criança a ser trabalhada em sala. Cada ser humano é um ser em formação, em constante aprendizado e o professor no processo de inclusão pode explorar esse potencial.

Após a implementação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB – Brasil, 1996), quando falamos sobre inclusão, observamos um aumento considerável no número de alunos com deficiência no ambiente escolar. E se levanta o questionamento de como a escola recebe essas necessidades tão específicas de cada aluno em seus grupos.

Ao refletir sobre o “método” das ações do professor, Libâneo (1994, p. 150) se reporta ao “como” ensinar, cujas ações derivam de uma “concepção metodológica mais ampla do processo educativo”.

Tanto em suas adaptações estruturais quanto na perspectiva de formação de professores e acolhimento das famílias, buscando maneiras de incluir sem segregar ou excluir, tendo em seu foco a pluralidade da escola, sendo esse o caminho que deve ser utilizado nesse processo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta seção, apresentamos as partes mais significativas encontradas no diálogo com as entrevistadas. Percebemos, ao questionar sobre o que compreendiam por inclusão, que todas apresentam um conhecimento sobre o que é inclusão e entendem seu impacto nas conjecturas sociais e como elas influenciam a escola.

Conforme essas respostas, percebemos que essa realidade é comum nas salas de aula, por todas as participantes terem alunos com deficiência, tendo, assim, um número significativo de crianças que necessitam de atendimento especializado. Das professoras entrevistadas, apenas duas não têm formação específica para o trabalho com esse grupo.

Ao tratarmos sobre a formação continuada das professoras, quando questionadas sobre a oferta pela rede Municipal e se a realizam, constatamos que recebem formação através de cursos online e formações em contexto, de modo que ela contempla parcialmente suas necessidades pedagógicas. Assim, as professoras sentem necessidade de uma formação voltada para o entendimento maior das especificidades dos alunos. Outra queixa é a falta de



universalização do serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE) no segmento da Educação Infantil, como também a falta de profissionais de suporte com formação adequada.

Em relação aos métodos e vivências realizadas com as crianças, as profissionais afirmaram que costumam, a sua maneira, conhecer o aluno, buscando diversas estratégias para observar suas necessidades e potencialidades, dentro dos contextos vivenciados em sala de aula, afirmando ainda ser muito desafiador e que precisam de constantes pesquisas.

Outro ponto importante é que muitas vezes, observamos o hábito de colocar uma responsabilidade no professor, que sozinho não possui ferramentas suficientes para atender todas as especificidades dos alunos, sendo necessário que o processo de inclusão perpassasse por várias esferas, dentro e fora do ambiente escolar.

Consoante Mantoan (2004), quando lemos e entendemos sua perspectiva sobre o que acertamos, percebemos que estamos certos de que não corremos nenhum risco ao propor que alunos, com e sem deficiência, deixem de frequentar ambientes educacionais à parte, que segregam, discriminam, diferenciam pela deficiência, excluem, sendo necessário uma percepção de equidade para com o ambiente escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando observamos essa perspectiva, podemos ver que alguns processos favorecem a inclusão e outros dificultam. Inicialmente, questionamos as professoras sobre o que compreendem por inclusão, e observamos que mesmo sabendo sua definição, elas têm ainda dúvidas e aflições referente à temática, como também da percepção das especificidades.

Levando, assim, outra pauta importante: a necessidade da universalização da sala de Atendimento Educacional Especializado em Sala de Recursos Multifuncionais, como ampliação de formação continuada para outros membros da comunidade escolar.

A busca pela percepção de como o aluno se desenvolve primeiramente como ser, considerando o contexto, tem a função mediadora dos processos complexos que não podem ser fragmentados, mas sim analisados e compreendidos.

Após a análise dos resultados e uma leitura reflexiva, podemos ressaltar a importância do olhar sensível para os alunos e a necessidade constante de formação, que explorem a perspectiva do protagonismo dos alunos, possibilitando os estímulos voltados para suas potencialidades e desenvolvimento integral.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério Da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 11. ed. 2015. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br>. Acesso em: 5 jul. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, v. 8, n. 26, p. 36-44, 2004. Disponível em:

<http://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/622>. Acesso em: 5 jul. 2023.

NÓVOA, A. (Org). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, S. G. **O pedagogo na escola pública**. Loyola: São Paulo, 1999.

ROSSETO, M. C. Falar de inclusão... falar de que sujeitos? In: LEBEDEFF, T. B. **Educação especial** – olhares interdisciplinares. Passo Fundo: UPF Editora, 2005. p. 41-55.